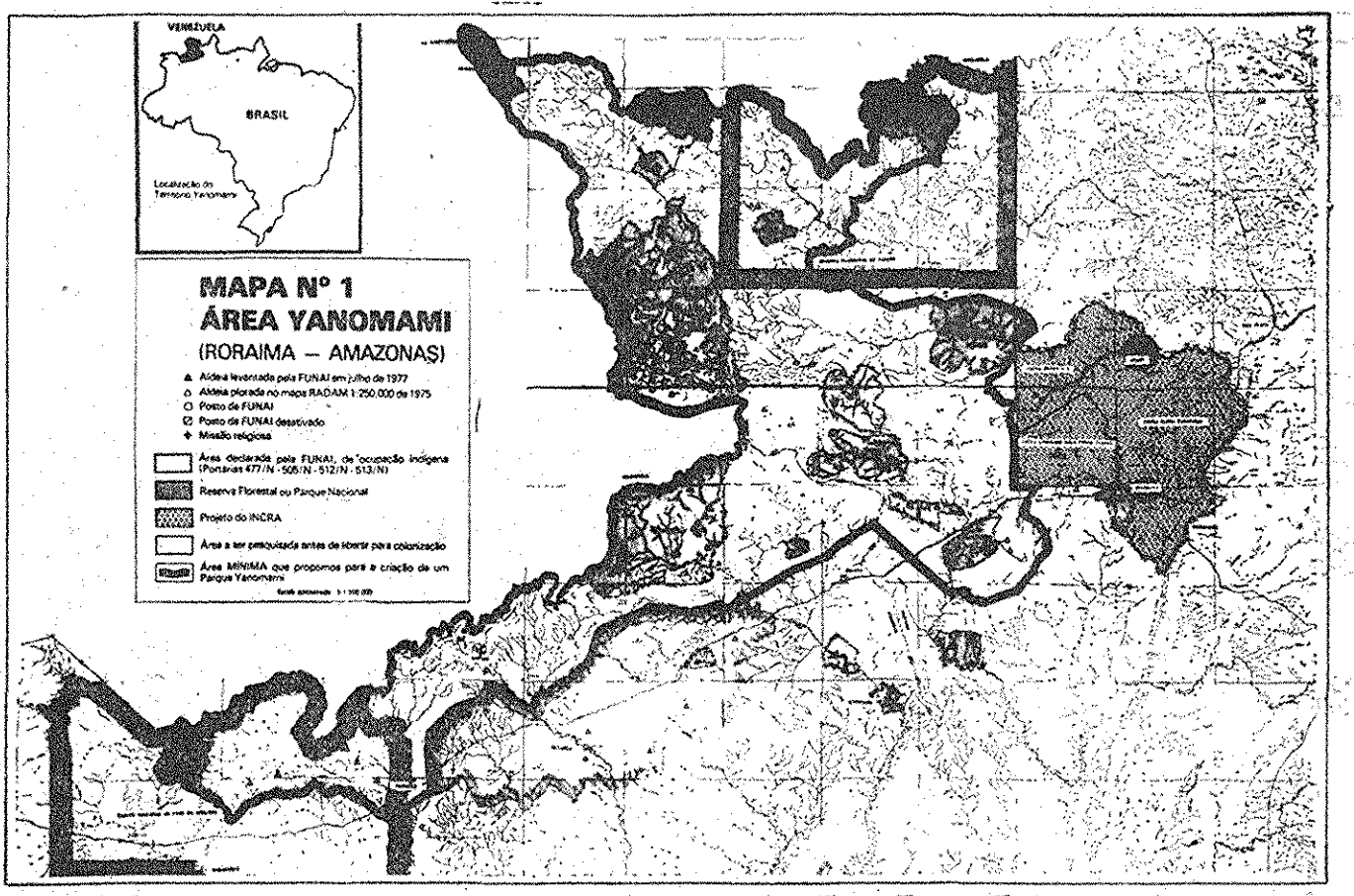
Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo **Class.:** 107

Data: 01/11/79 **Pg.:** 15



Relatório aponta necessidade do parque

A anunciada demissão do presidente da Funai, Adhemar Ribeiro da Silva, vinha provocando manifestações de protesto por parte de grupos indigenistas brasileiros e internacionais. Em todos os telegramas de apoio, enviados ao Ministério do Interior ou diretamente ao presidente da República, as entidades pediam sua permanência e citavam a luta pela criação do Parque Yanomami como a sua mais importante obra. E é justamente essa a causa apontada por uma das maiores defensoras da criação da nova reserva indígena, a fotógrafa indigenista Cláudia Andujar, para os desentendimentos entre o presidente da Funai com algumas pessoas influentes do governo e as pressões que o levaram a se demitir do cargo na tarde de ontem.

O mais ferrenho inimigo da criação do Parque Yanomami *citado por Cláudia Andujar, em* um relatório montado a partir da coletânea de notícias divulgadas em vários jornais — e que ela pretende enviar a diversas entidades — é o general Demócrito de Oliveira, homem forte da Funai desde os tempos do general Bandeira de Melo, no governo Médici. "O general Demócrito tem-se oposto sistematicamente à criação do Parque Indígena Yanomami em Roraima, na divisa com a Venezuela. Ele é responsável pela minuta 477 que liberava a criação da prisão indígena feita no quilômetro 211 da Perimetral Norte, em pleno coração do território Yanomami."

Segundo Cláudia, o general é também autor de uma carta enviada a Ismarth de Araújo, quando este ainda era presidente da Funai, declarando que os índios Yanomami "são uns degenerados, de pequeno porte, vivem brigando entre si, são decadentes e praticam o incesto". Demócrito de Oliveira tem-se unido ao governador de Roraima, brigadeiro Souza Pinto, e alguns deputados do território, assim como já fazia em 1975, quando se ligou ao ex-governador Fernando Ramos Pereira, para lutar contra a criação do parque.

Entre as alegações usadas pelos opositores está o fato da área se encontrar na divisa do Brasil com a Venezuela, sendo considerada de segurança nacional, e de o território de Roraima não poder abrir mão de uma região tão rica e extensa, (a parte da nação Yanomami que está do lado brasileiro ocupa ao *todo 640.000 hectares).*

Apesar de ter concordado com a delimitação das terras feita pela antiga diretoria da Funai, dividindo o território indígena em pequenas "ilhas" isoladas, Adhemar Ribeiro da Silva mostrou-se disposto a rever o traçado e aceitar a sugestão do grupo a qual cláudia Andujar pertence. A "Comissão Pela Criação do Parque Yanomami", iniciada há cerca de um ano pela fotógrafa, pelo antropólogo Bruce Albert e pelo missionário Carlo Zacquini, utiliza-se de diversos estudos feitos com esses índios para mostar a necessidade que ele têm do vasto território que ocupam.

"As áreas compreendidas entre as diversas aldeias ou entre conjuntos de aldeias, bem como as áreas de perambulação, estão cobertas por uma densa rede de trilhas, pontilhadas de inúmeros acampamentos e antigas roças. Cada parcela da floresta é aproveitada, tem nome, é percorrida com íntima familiaridade e impregna a memória do grupo, através de relatos, históricos e mitológicos, desde os tempos mais remotos" diz o relatório.

O contato de Cláudia Andujar com esse grupo indígena começou em 1972, quando a fotógrafa viajou para a Amazônia apenas por motivos profissionais. Depois disso ela voltou várias vezes à região, passando longos períodos na selva ao lado dos índios e aprofundando seus estudos sobre os Yanomami. Como outros conhecedores da tribo, Cláudia considera o grupo de cerca de 8.000 pessoas *como a última grande nação* indígena.

Mesmo assim, esse grupo já não é o mesmo que ela conheceu no seu primeiro contato. A construção da Perimetral Norte, que corta o Sul do território ocupado por eles, dizimou um número considerável de Yanomami. A intransigência do governo de Roraima também, permitindo a entrada de garimpeiros e seringalistas na região e distribuindo roupas usadas entre os índios, causa principal das epidemias de gripe e sarampo, doenças fatais para a maioria deles.

"Em 1974, a construção da BR-210, a Perimetral Norte, cortou o Sul do território Yanomami, sem que qualquer esquema de proteção fosse montado, provocando sério abalo nos grupos atingidos" denuncia Carlo Zacquini em um dos relatórios enviados à Funai. "Os peões do desmatamento penetraram na região, maciçamente, sem qualquer controle de saúde, trazendo as primeiras epidemias. No trecho da estrada que cortou a área e em seus arredores sumiram mais de 20 aldeias, deixando um rastro de cerca de mil mortos."

Em 1977 foi criado o "Distrito Agropecuário de Roraima", com área de 600 mil hectares, que atingiam parte do território indígena, lesando o direito à terra, previsto pelo Estatuto do Índio. Nessa época foram construídos sete postos da Funai, sendo que dois estavam bem próximos aos Yanomami. Um desses postos foi incendiado e posteriormente desativado e o *outro, segundo denuncia Cláu*dia Andujar, serviu como prisão indígena clandestina.

Pressionado pelas autoridades de Roraima, o antigo presidente da Funai, Ismarth de Araujo, assinou quatro portarias, entre 1977 e 1978, declarando de ocupação indígena Yanomami vinte e uma áreas separadas, descartando a possibilidade da criação de uma nova reserva indígena. A disposição em criar o Parque, demonstrada por Adhemar Ribeiro da Silva, e sua política de uma demarcação justa das terras indígenas, acabaram atraindo para ele todas as pressões contrárias à conservação das etnias brasileiras.